
Álvaro Magalhães

diz que

a literatura o ajuda a sonhar a vida

Quando era pequeno, o Álvaro Magalhães não dispensava uma boa partida de futebol, mas era também aficionado dos livros. A literatura é uma das suas paixões mais antigas e gosta tanto das letras e das palavras que lhes dedica, por vezes, histórias e poemas. Nesta pequena conversa que podes espreitar ele fala sobre alguns dos seus livros e memórias, mas também da importância de sonhar e de ler...

Nasceu e cresceu no Porto; quais eram as brincadeiras de que mais gostava em pequeno e onde costumava brincar?

Do que mais gostava era de jogar futebol, como todos os rapazes. No sítio onde morava havia vários baldios, espaços abertos, e era aí que nós jogávamos. Não faltavam sítios onde jogar à bola; agora já não é bem assim...

Quando começou a gostar de ler e de escrever?

Desde sempre. Eu era o irmão mais novo de uma família com quatro irmãos e era o único que tinha essa tendência para ler e escrever. Em minha casa não havia livros; só se lia o *Jornal de Notícias*, mas desde os 6 ou 7 anos que procurava livros. Mais do que ler, já escrevia, inventava histórias e sobretudo poemas.

E lembra-se dos livros de que gostava nessa altura?

Era quase tudo o que conseguia apanhar. O que me marcou mais foi *A Ilha do Tesouro*, do Robert Louis Stevenson, que li muito cedo (quase quando aprendi a ler). Ainda hoje é um livro que leio com muito prazer; digamos que me acompanhou quase a vida toda.



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

Escreve muitas vezes sobre rapazes e animais apaixonados (por exemplo em *Hipopóptimos*); o que o faz gostar de escrever sobre a paixão e o amor?

O amor e a morte – reparará que também há muitas referências à morte –, as duas coisas estão ligadas, há mesmo histórias minhas em que o que está presente é o amor e a morte. São os dois grandes mistérios da existência e aquilo sobre o que quase todos os escritores escrevem permanentemente. A literatura, mesmo a literatura para os mais novos, não serve para ensinar, como se pensa, não tem cariz pedagógico. A literatura serve para nos confrontar com aquilo que se desconhece, com os grandes mistérios da existência, que são, obviamente, o amor e a morte. O amor por estar ligado ao nascimento, ao início, e a morte ao fim.

Teve ou tem algumas paixões mais engraçadas ou invulgares que possa contar?

Sim, tive, desde sempre, paixões. Ao longo da minha vida estive sempre apaixonado por pessoas, por coisas; estive sempre apaixonado pela literatura, pela escrita, por exemplo. Algumas dessas emoções aproveitei para as transformar em histórias. Portanto, esse rapaz apaixonado de que falou era com certeza eu.

Porque é que nas suas histórias acontecem tantas coisas nos sonhos?

Para mim o sonho é uma realidade que levo muito a sério. Há pessoas que dizem que se não sonhássemos durante a noite enlouquecíamos. Eu acho que enlouquecia se não sonhasse também durante o dia. A escrita é uma espécie de sonho diurno. A fantasia, para mim, é mais importante do que a realidade. Não gosto muito da realidade, embora ela seja, como diz o Woody Allen, «o melhor sítio para se comer um bom bife com batatas fritas», mas estou sempre a corrigir a realidade com o sonho e a fantasia. Há um poema meu, que está no livro *O Reino Perdido*, que acaba assim: «Melhor que viver é sonhar a vida». É isso que tenho feito, sonhar a vida, e a literatura tem-me ajudado muito a fazer isso.

No livro *Todos os Rapazes São Gatos* há uma personagem que explica que ter um inimigo é algo que nos faz tanta falta quanto ter um amigo; porque é que os inimigos nos fazem falta?

Fazem com que nós não nos desleixemos e permaneçamos atentos, vigilantes, etc. Por exemplo, o que seria de nós, portistas, sem o Benfica ou os benfiquistas? Nada. Os amigos são muito importantes, claro, mas os inimigos também, porque nos mantêm alerta sempre. E os amigos não são assim tão diferentes dos inimigos, se virmos bem...

A primeira história (para crianças) que publicou era uma história sobre letras; mais tarde, dedicou alguns poemas às palavras. Que importância têm elas para si?

Toda a importância do mundo. Esse livro que escrevi sobre letras foi o primeiro que escrevi para crianças. Foi no início dos anos 80, tinha 20 e tal anos e pensava que ia fazer uma carreira de poeta sobretudo. Comecei a escrever esse livro para a minha filha quando ela tinha 6 anos e andava a aprender a ler e a escrever, e percebi nessa altura que escrever para os mais novos ou escrever poesia era a mesma coisa. A partir daí, praticamente, nunca mais deixei de escrever. A linguagem é muito importante porque temos de aprender a língua, mas também de a desaprender, e ver como as crianças, por exemplo, reinventam permanentemente a partir das suas necessidades. Por exemplo, há muitas incorreções

.....

gramaticais nos meus livros; gosto muito da inocência linguística, do modo como os mais novos se exprimem com erros, de forma criativa, para se conseguirem explicar. A linguagem é, portanto, a base dos meus livros. Eu não conto só histórias; tento contar histórias em que as próprias palavras também assumam protagonismo. É importante, muito importante, a linguagem.

Porque é que é importante gostar de ler?

É importante gostar de ler porque ler transforma-nos. Eu tenho a certeza que não seria a mesma pessoa se não tivesse lido certos livros que li na minha infância e adolescência. É uma oportunidade muito grande para nos transformarmos e realizarmos enquanto pessoas. ■